F. 231 V. 3.9 F4

A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 1 | 1 DE JANEIRO | 1893

EL-REI D. CARLOS I

Pouco mais de tres annos são decorridos sobre o tragico fim de el-rei D. Luiz, e dir-se-hia que o fechar do seu ataúde soltou lugubremente as furias da desgraça, eumenides que pairavam emquanto a roda de uma fortuna fallaz ia accumulando, em voltas successivas, as causas da ruina proxima.

Foi uma corôa de espinhos a que o moço rei teve para collocar sobre a cabeça, e nem o brio da juventude lhe permittiu um instante o goso da vaidade, a que se chama fortuna.

Cada hora que passa vae juntando folhas novas ao livro sombrio dos nossos destinos presentes. Estala um dia o conflicto inglez, epilogo da historia recente da partilha da Africa, episodio da historia antiquissima da influencia britannica na Peninsula. No dia seguinte, desmorona-se o imperio no Brazil, e a republica lança a sociedade n'um delirio de agiotagem, e a nação n'um desvairamento de phantasia constitucional, que será milagre o resistir unida. Dos dois lados do Atlantico, a fatalidade açoita as duas nações lusitanas. Outro dia, rebenta d'este lado a crise, patenteando cruelmente a mendicidade do thesouro saqueado, e a ficção de uma riqueza de ouropel. Na vespera, no dia immediato, vinham á suppuração apostemas successivos de bandidismo collectivo. E antes, depois e sempre, em todo o decurso d'este já longo terramoto, cujo fim não vimos ainda, o moço rei, sósinho, desajudado de homens prestigiosos que lhe amparassem o throno, com partidos desconjuntados que na hora do perigo se demittem, confessando meritoriamente a sua impotencia, ouvia estalar os tiros sediciosos do Porto, e crescer a vozearia, confundindo os erros da sociedade com a responsabilidade da Corôa, esperando a salvação da queda do throno.

Como se, no jogo mais ou menos imperfeito das instituições vigentes, houvesse alguma especie de tyrannia! Como se um homem que hontem se sentou no throno, podesse ser responsavel pelos erros accumulados em dezenas, em centenas de annos! Como se a desesperança, a apathia, o abandono com que a sociedade portugueza se submette á oligarchia das clientelas e cabalas que a exploram, fossem filhas da acção perniciosa da Corôa! Como se, pelo contrario, não podesse o rei queixar-se de tantos que desertam o seu posto...

Nunca é de mais dizer-se, por muito que se repita: acima de todos os problemas, de todas as crises, de todas as desgraças: acima de tudo, a questão constitucional e a da autonomia estão indissoluvelmente ligadas; porque a mudança de regimen implicaria em Portugal conflictos de natureza externa que afundariam a ordem publica, e com ella, ou a independencia politica, ou a liberdade pessoal. Hoje, a monarchia é o penhor da segurança e da independencia, embora a independencia seja imperfeita e a segurança precaria.

Ambos estes defeitos proveem da dureza cruel do momento, das condições inevitaveis em povos pequenos e fracos, e finalmente do pessimismo moral portuguez. Parece que o vicio de fallar mal tem entre nós muitos seculos: é manha de Portugal, diz o rifão. Tudo isto junto, faz com que naufraguem successivas tentativas; e a sociedade não pareça ser susceptivel de acceitar direcção, embora haja em muitos, nos melhores

de certo, esse desejo ardente. Os melhores, porém, foram sempre minoria; e a maioria, prompta a applaudir as medidas negativas de destruição, condemna tambem sempre as tentativas de reconstrucção, apontando-lhes os defeitos inevitaveis, explorando os despeitos e os interesses lesados. Assim, desquiciada, a opinião, ou se abandona aos desvarios do jacobinismo, ou obedece inconscientemente ás instigações astutas dos intrigantes, para quem a opinião publica é a opinião que se publíca.

Por tal fórma o governo torna-se o contrario da aristocracia, que era a regencia pelos melhores. De tal modo, a sociedade, quaesquer que sejam os seus elementos fortes e sãos, está coacta sob a oligarchia da intriga que a explora. Umas vezes é para satisfação desbragada de interesses illegitimos, outras vezes para satisfação tambem de vaidades quasi pathologicas, tão despidas de capacidade como de consciencia, obedecendo absurdamente, criminosamente quasi, ás reclamações insensatas e não raro interessadas do populacho, e confundindo a força, que sempre deu o braço á prudencia, com temeridades no fundo filhas da basofia pusilanime.

Em taes circumstancias, com taes elementos, como se póde ser rei? De um modo só: reinando, isto é, governando. Não para impôr á sociedade um querer diverso do d'ella; mas sim para a libertar da tyrannia contra a qual intimamente se revolta, sem energia bastante, porém, para fazer valer os seus protestos. Não para violentar a opinião com actos de força brutal; mas sim para moralisar essa força, restaurando o prestigio combalido da authoridade. Não para tornar a Corôa solidaria com esta ou aquella cabala, com este ou aquelle aventureiro, pois abraçados se precipitariam na morte; mas para fazer o que Jesus fez, um certo dia, no Templo de Jerusalem.

No dia em que tal succedesse, o desespero que hoje lança tanta gente nos braços da aventura republicana dissipar-se-hia, e a rectidão firme do genio portuguez, desaffrontada, quebraria a deploravel tradição do divorcio entre a nação e o governo. Foi um republicano, a todos os respeitos distincto, quem o disse abertamente: «Se a monarchia nos póde salvar, faça-o: o nosso alvo é o paiz, e não um systema.»

Em sociedades que chegaram á dissolução da nossa, e que em tal estado se veem a braços com a economia em crise, as revoluções, para serem fecundas e não serem mortaes, teem de partir de cima.

É isto o que me suggere o aspecto d'esse rei, moço e infeliz, mas que da propria mocidade tem de tirar a força para salvar o reino de seus avós, salvando-se a si proprio com a memoria d'elles. Dizia um dos homens mais sabedores das miserias nacionaes que o nosso mal era a abundancia de intrigantes e a falta de ambiciosos. È incommoda a ambição? É; mas não se apanham trutas a bragas enxutas. O caminho da intriga e do não-se-me-dá é mais doce, mas escorrega como lodo, n'um pégo a que já se está vendo o fundo.

Estas palavras me suggere o aspecto de um rei moço em quem sobra a intelligencia, em quem a lealdade e a inteireza andam a par, em quem a habilidade não falta, em quem sobre tudo borbulha a alegria sanguinea, signal certo de força. Com tudo isto, póde ser-se um Homem. E tal cognome davam os reis catholicos a D. João II; e é d'um homem que Portugal carece. Força, alegria, coragem! o resto pertence a Deus, que premeia sempre os bons.

Força, alegria, coragem — e abnegação tambem, porque, se ao fim da jornada está o premio glorioso das acclamações de um povo, a derrota é semeada de syrtes e a navegação difficil pelo desnorteamento dos ventos e pelo nevoeiro ondeante da tremulina do mar. Mas pelo braço do rei moço vae uma rainha tão boa como bella; e não ha melhor anjo-da-guarda do que a bondade, esse balsamo para todas as afflicções, e a belleza, essa flôr incomparavel da seiva do mundo.

A ambição nobre, despertada no coração do rei pelos soffrimentos de um povo tão nobre como elle, e tão pouco digno como elle da sorte que os erros passados lhe prepararam: a ambição, inseparavel do sacrificio, é a garantia do renome para o rei e da fortuna para o povo. Levantemos todos bem alto os corações, fazendo renascer das cinzas, como no mytho egypcio, outra phenix: um Portugal novo erguido nos escudos banhados em tanto sangue de heroes, illuminados pelo clarão offuscante de tão grandes feitos: um povo revigorado pelo trabalho, retemperado pela sobriedade austera, e illuminado pelo clarão sereno do juizo e da prudencia. De destemperos houve sobra.

Nem se extranhe a isenção d'estas breves palavras. Quando na bocca ha lisonjas, não póde haver lealdade no coração. E quanto a respeito, S. M. que é muito lido, compulsou mais de uma vez a *Idéa de un principe christiano*, do Saavedra Fajardo, onde, na côrte mais magestatica d'este mundo, se dizem as cousas pelos seus nomes. A bajulação é que é falta de respeito. E aos leitores que o não souberem, direi eu, terminando, que o livro foi escripto, por ordem de um Philippe, para educação de outro Philippe, nos tempos aureos do imperialismo austriaco.

Coimbra — Novembro.

OLIVEIRA MARTINS.

No proximo numero, o medalhão de S. M. A Rainha. Artigo de Ramalho Ortigão.

A SEMANA DE LISBOA

Não fazemos apresentações, nem programmas.

A SEMANA DE LISBOA é apenas uma tentativa de fornecer semanalmente aos assignantes do JORNAL DO COMMERCIO um numero de agradavel e facil leitura, consagrando a primeira pagina ao medalhão das personalidades portuguezas politicas, militares, profissionaes, scientificas, litterarias, financeiras, commerciaes e industriaes e simplesmente mundanas.

Este primeiro numero está longe de constituir um modelo invariavel. É apenas um esboço, que procuraremos successivamente aperfeiçoar, e no que empenharemos todos os nossos esforços.

Eis o nosso unico compromisso.

POLITICA SEM POLITICA

Ser ou não ser ministerial, eis a questão!

Tal é a formula, não diremos shakespereana, mas shakesperioide, da politica portugueza, e n'ella se concretisa o segredo de tudo quanto se tem passado e ha-de continuar a passar, pois de *politica* só cuidam, em geral, os *politicos*, e não propriamente do bem publico, como melhor lhes cumpria.

Não é, porém, essa a formula da politica da *Semana de Lisboa*, que, longe de todo o ponto de vista pessoal ou systematico, e despida de maiores pretenções, procurará inspirar-se na concepção de uma—*politica*, *sem politica*—isto é, de uma politica indifferente aos nomes dos ministros e á sua proveniencia partidaria e só attenta aos seus actos, em que procurará antes descriminar o que n'elles ha de bom, do que o que n'elles ha de máu.

Isto é dizer que a nossa—*politica, sem politica*— se não aspira a ser optimista *quand même*, o que poderia contrariar flagrantemente a verdade, se propõe, todavia, fugir a todo o pessimismo irritante, já na critica dos homens, já no desenho de quadros demasiadamente tenebrosos, não ultrapassando nunca os limites da mais innocente ironia ou da mais subtil allegoria.

A *Semana de Lisboa*, effectivamente, não aspira, nem a formar situação, como se diz na technica girial, nem a ser provida na reservada vaga do pariato vitalicio, nem mesmo a ir substituir o novo pár sr. José Maria dos Santos, no circulo devoluto de Aldeia-Gallega. Não, as suas aspirações não vão tão alto, mas vão mais longe. Na sua qualidade de folha mundana pretende ser lida amenamente por todos, sem provocar as paixões e resentimentos de ninguem, procurando ultrapassar o proprio perfido incolorismo politico do benemerito *Diario de Noticias*.

Da essencia da nossa politica, dissémos. Na forma, a nossa divisa será: amabilidade com os homens e graciosidade com os proprios factos.

E, posto isto, se a opinião nos não sagrar como um novo Pangloss, a culpa não será nossa.

IMPOLITICUS.

—É TARDE, BOB!

Reclinada no hombro da mãe, que a tinha ao collo, Lili, pallida e muito triste, fitava os seus grandes olhos azues, dilatados agora pela febre, na cara do medico, que, a sorrir, lhe tomava o pulso.

—Não é nada—dizia o doutor para tranquillisar a creança—É uma pontinha de febre, que hade passar. Sim, meu amôr?

—Sim, doutor—balbuciava ella, fechando os olhos, como um passarinho que adormece, n'um gesto lento de resignação.

Quando elle se sentou para escrever a receita, a Lili foi saccudida por um ligeiro acesso de tosse. O doutor voltou a cabeça, e ficou-se a contemplar a creança, cujas faces se coloriram, de repente, com duas vivas rosêtas, como se fossem pintadas a carmim.

Mas a febre não remittia; e a pobre Lili estava cada vez mais pallida, cada vez mais definhada, cada vez mais triste, sempre ao collo da mãe, acariciando-lhe o rosto com as suas mãosinhas seccas e ardentes.

—Minha querida mamã!

Ao cabo de oito dias, o medico aconselhou a que levassem a creança para o campo. Só a pureza do ar lhe poderia restituir a saude.

D'ahi a dois dias, foi a Lili com a mãe e com uma creada para o campo, para o velho solar do papá, um grande palacete antigo, quasi abandonado no meio d'um cerrado castanhal, proximo de Vizella. E foi tambem o *Bob*, um grande cão negro da Terra-Nova, que era o amigo predilecto da Lili, e que ella, ainda doente, festejava repetidas vezes, quando o via sentado á beira do seu leito, com os olhos melancholicos fitos nos olhos d'ella, lambendo-lhe de manso a mãosinha, que pendia abandonada fóra do lençol. Desde que adoeceu a Lili, nunca mais o *Bob* teve alegria. Faltava-lhe a sua pequenina companheira nas doudas correrias por entre os floridos canteiros do jardim. O *Bob* esperava-a impaciente ao fundo da escada: e, apenas a avistava, quando ella vinha pela mão da mamã, com um lindo bibe branco, os cabellos louros soltos pelos hombros, deitava a correr, ladrando, e voltando de repente para traz, obediente e submisso áquella voz que o chamava:—*Bob! Bob!* aqui já!

*

* *

Parece que nos primeiros dias, depois de ter chegado ao campo, Lili recuperava a saude. Estava mais alegre, comia com mais apetite, e a todos os momentos manifestava desejo de sahir do quarto, e de ir passeiar na quinta, por entre os troncos nodosos dos carvalhos e castanheiros.

Mas só mais tarde, quando o calôr tinha diminuido, é que a mãe sahia com ella, acompanhadas sempre pelo *Bob*.

E era sempre o mesmo passeio, que Lili preferia, para vêr o rio.

Ao atravessarem a ponte velha, uma ponte denegrida e tosca, com dois arcos atarracados, paravam um instante para vêr a paisagem. Era linda! Do lado da nascente, o rio vinha turvo e revolto, correndo por entre fragas e penhascos; do lado opposto, as aguas sahiam dos arcos mais tranquillas e limpidas, estendendo-se no leito da areia por entre os choupos e os ameeiros, que se debruçam de uma e outra margem. A distancia, até parece que o rio está parado, tão sereno elle vae, reflectindo a ramaria das arvores, e, por entre a ramaria, as nuvens brancas que passam no azul do céo. Mas depois, as aguas precipitam-se todas n'um açude, e com tal violencia, que até se ouve de longe o marulho da queda e se vê no ar a tenue pulverisação que parece fumo!

Sahindo da ponte, mettiam por um carreiro, que seguia á borda do rio, e rente de uns milharaes separados por filas de choupos, onde se enrosca a folhagem tenra das vinhas. Depois de terem caminhado algum tempo, chegavam ao sitio em que parte das aguas segue n'uma levada, para ir mover a roda de uma azenha.

Ora, n'essa tarde, como a mãe não podesse sahir, a Lili foi com a criada e com o *Bob*. Ao chegarem á azenha, sentaram-se a descansar.

Estava a criada a conversar com a mãe do moleiro, que chegára á porta a chamar os netos, quando se ouviu uma gritaria dos rapazes, dizendo:

— Olha o Tumba! Ó Tumba, deixa os meninos!

E um instante depois, a descer á pressa n'um carreiro da encosta, seguido por um grupo de rapazes que gritavam, um pobre velho appareceu, todo curvado para a terra, fugindo á chuva de pedras que o perseguia.

— Olha o Tumba!

A Lili, assustada, correu para a criada, deitando-lhe as mãos em volta do pescoço. Os rapazes continuavam a correr e a gritar, e o velho passou á porta da azenha, sem olhar, estugando o passo, e resmungando baixinho.

— É o Tumba — explicou a mãe do moleiro, quando elle ia já a distancia — É o coveiro!

— Quem é? — perguntou ainda assustada a Lili.

— É o homem que leva as meninas para a cova — respondeu a criada.

A creança estremeceu, e seguiu o Tumba com o olhar espavorido, apertando contra si a criada, com medo de que o velho, vendo-a ali tão pequenina e tão doente, a levasse tambem.

— Não tenha medo, Lili. Se elle vier, atiça-se-lhe o *Bob*, que o come.

FOLHETIM

CARTAS
DE
CARLOS A JOANNINHA

I

É a ti que escrevo, Joanna, minha irmã, minha prima, a ti só.

Com nenhum outro dos meus não posso nem ouso fallar.

Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se me esta cabeça nos desvarios do coração. Errei com elle, perdeu-me elle... Oh! bem sei que estou perdido.

Perdido para todos, e para ti tambem. Não me digas que não; tens generosidade para o dizer mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não pódes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remedio, Joanna, porque a minha natureza é incorrigivel. Tenho energia de mais, tenho poderes de mais no coração. Estes excessos d'elle me mataram... e me matam!

Tu não comprehendes isto, Joanninha, não me entendes decerto; e é difficil.

És mulher, e as mulheres não entendem os homens. Sempre o entrevi, hoje sei-o perfeitamente. A mulher não póde nem deve comprehender o homem. Triste da que chega a sabel-o!...

E d'ahi... quando se tem de morrer, antes saber a morte de que se morre, do que expirar na ignorancia do mal que nos matou.

Tu és joven e inexperiente, a tua alma está cheia de illusões doces; vou dissipar-t'as em quanto se não condensam, que te offusquem a razão e te deixem para sempre escrava cega do maior inimigo que temos, o coração.

Quero contar-te a minha historia: verás n'ella o que vale um homem.

Para folhetim escolheremos, em geral, um trecho notavel dos nossos mais eminentes homens de lettras. As *cartas a Joanninha*, das *Viagens na minha terra*, de Garrett, que publicamos hoje, são verdadeiras perolas litterarias.

Esta ressurreição das obras-primas da litteratura portugueza será devidamente apreciada pelos nossos leitores.

Sabe que os não ha melhores que eu: e tão bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras já hoje o por que fugi da casa materna: sabía-a manchada de um grande peccado, e imaginei-a polluida de um enorme crime.

Esse homem que é meu pae, não o podia vêr, hoje que sei o que me elle é... Deus me perdoe, que ainda o posso vêr menos!

Minha avó, julguei-a cumplice no crime; ella só o era no peccado. Perdoe-lhe Deus; e bem póde e bem deve, já que a fez tão fraca. Minha pobre mãe succumbiu por sua culpa, por sua irremessivel complacencia...

Deus póde e deve, repito... mas eu, como lhe heide perdoar eu este rubor que sinto nas faces ao nomear minha mãe?

Tem padecido e soffrido muito... coitada! A sua penitencia é um martyrio, a sua velhice uma longa paixão, e esse homem que a perdeu um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus, não é commigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar — não posso perdoar eu.

E quem me hade perdoar a mim? Ninguem, nem quero.

Não serás tu, minha irmã; não, que não deves. Porque eu amei-te com um coração que já não era meu; acceitei o teu amor sem o merecer, sem o poder possuir, trahi quando te amava, menti quando t'o disse, menti-te a ti, menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguem.

Mas espera, ouve; deixa-me vêr se posso atar o fio d'esta minha incrivel historia — incrivel para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

Sahi de Portugal, e posso dizer que não tinha amado ainda. Inclinações de creança, galanteios de sociedade, ligações que nasceram da vaidade, ou que só os sentidos alimentam, não merecem o nome de amor.

Eu não tinha amado.

Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, e a mulher que se ama.

A belleza, o espirito, a graça, os dotes d'alma e do corpo geram a admiração.

Certas fórmas, certo ar voluptuoso criam o desejo.

O que produz o amor não se sabe, é tudo isto ás vezes, é mais do que isto, não é nada d'isto.

*

* *

Tres dias depois, a Lili peiorou. Passou a noite em delirio, com os olhos muito abertos, cantando, rindo e fallando, fallando sempre, n'aquella excitação propria da febre. A mãe, sentada á cabeceira do leito, beijava-a e supplicava-lhe que socegasse; mas eram baldadas as supplicas, porque a Lili continuava a fallar, e, no meio das visões que a febre lhe provocava, via desenhar-se vagamente no espaço a figura sinistra de um velho, caminhando tristemente, curvado para a terra, e com uma enxada ao hombro.

— Mamã!

Só conseguiu dormir, quando a claridade do dia entrava no quarto pelas frinchas das portas. Mas fazia dó vêr como a mãe chorava, baixinho, olhando para a filha, que estava n'uma prostração de morte, abatida pela febre e pela insomnia, respirando lentamente, como n'uma agonia!

O medico, que a observou de dia, não teve uma palavra de esperança que dirigisse á mãe. Ao sahir, apertou-lhe commovido a mão, e pediu-lhe que se resignasse.

Ao cahir da noite, o delirio voltou. A Lili quiz vêr o *Bob*. Trouxeram-lhe o cão para junto do leito, e, durante alguns minutos, esteve ella a affagal-o. O *Bob* erguia a cabeça, e fitava nos olhos da Lili os seus olhos tristes, olhos em que havia a expressão maguada de um derradeiro adeus.

— Meu *Bob!* — dizia ella com uma voz debil — Coitado do meu *Bob!*

Na penumbra do quarto, allumiado apenas por uma lamparina, reappareceram as visões. A cada momento, Lili abria os olhos espavoridos para o fundo escuro da sala, e dizia, a tremer:

— Mamã!

A mãe, com os olhos cheios de lagrimas, abraçava a Lili, e dizia-lhe com a voz cortada de soluços:

— Não é ninguem, minha filha!

Mas, apesar das palavras tranquillisadoras e carinhosas da mãe, a Lili tremia de medo, e, refugiando-se contra o seu collo, com os olhos muito abertos, dizia:

— *Bob!* Avança, *Bob!*

O cão obedecia. Ia até á porta do quarto, onde não via ninguem, e voltava mais triste, roçando-se pela cama, procurando beijar aquella mãosinha, que se agitava fóra do lençol, n'um movimento tremulo de pavôr.

— Ai! o *Bob* já não é amigo! — dizia ella a chorar — Já não é amigo da Lili!

E ficava muito triste, com os olhos fechados e a boquinha meio aberta, respirando com oppressão. D'ahi a pouco, principiava a agonia.

Não sei o que é; mas sei que se póde admirar uma mulher sem a desejar, que se póde desejar sem a amar.

O amor não está definido, nem o póde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.

Eu vivi poucos mezes em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino — a minha estrella, porque eu ainda creio nas estrellas, e em pouco mais d'este mundo creio já — levou-me ao interior de uma familia elegante, rica de tudo o que póde dar distincção n'este mundo.

Extranhei aquelles habitos de alta civilisação, que me agradavam e mtudo; moldei-me facilmente por elles, affiz-me a vejetar docemente na branda atmosphera artificial d'aquella estufa sem perder a minha natureza de planta extrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo d'alma e de caracter eu não era aquillo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra cousa. Eu detesto a mentira, voluntariamente nunca o fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

Menti pois e agradei porque mentia. Santo Deus! para que sahiria a verdade da tua bocca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

Havia tres meninas n'aquella familia. Dizer que eram as tres graças é uma vulgaridade cansada, e tão banal que não dá ideia de coisa alguma. Tres anjos seriam; tres anjos posso dizer com mais propriedade. E quando em nossos longos passeios solitarios, por aquelles campos sempre verdes, por aquellas collinas coroadas de arvoredo, tapessadas de relva macia, os seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados sem arte, fluctuavam com a brisa da tarde... e os longos anneis de seus cabellos — os de uma eram loiros, os de outra castanhos, não ha nome para a indefinida côr dos da terceira — quandos esses longos anneis descahiam de sua ondada spiral com o orvalho humido do crepusculo — e que a essa luz vaga e mysteriosa eu as contemplava todas tres com adoração e recolhimento devoto d'alma — sinceramente exclamava: «São tres anjos celestes que é forçoso adorar!...»

E assim é que os adorava os tres anjos, todos tres, e não podia adorar um sem os outros.

Que me queriam ellas, é certo; que insensivelmente se habituaram á minha companhia e já não podiam viver sem ella... ai! era preciso ser um monstro para o não confessar com lagrimas de gratidão e de remorso.

Os mais difficeis e delicados apices da perfeição de sua tão caprichosa e tão expressiva lingua, as bellezas mais sentidas de seus auctores queridos, o espirito e tom difficil de sua sociedade tão desdenhosa e fastienta, mas tão completa e tão calculada para sublimar a vida e a desmaterializar — isso tudo, e um indefinivel sentimento do *gentil*, que só com natural tacto se adquire, é verdade, mas que se não alcança com elle só — isso tudo o aprendi alli das suaves lições que insensivelmente recebia a cada instante.

Se valho alguma cousa, tudo valho por ellas; se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda lh'a devo.

Vês que confesso a divida, verás como a paguei.

O tom perfeito da sociedade ingleza inventou uma palavra que não ha nem póde haver n'outras linguas em quanto a civilisação as não apurar. *To flirt* é um verbo innocente que se conjuga alli entre os dois sexos, e não significa *namorar* — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa «fazer a côrte;» é mais do que estar amavel, é menos do que galantear, não obriga a nada, não tem consequencias, começa-se, acaba-se, interrompe-se, addia-se, continúa-se ou descontinúa-se á vontade e sem compromettimento.

Eu *flartava*, nós *flartavamos*, ellas *flartavam*...

E não ha mais doce nem mais suave intertenimento d'espirito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa menina ingleza; com duas é prazer angelico, e com tres é divino.

Para quem nasceu n'aquillo, não é perigoso; para mim degenerou, breve, aquella placida sensação em mais profundo sentimento.

Veiu a admiração primeiro.

E como as eu admirava todas tres as minhas gentis fascinadoras!

E ellas conheciam-n'o, riam, folgavam e estavam encantadas de me encantar.

Fizeram nascer os desejos!

Julguei-me perdido, e quiz fugir.

Não me deixaram e zombaram de mim, da ardencia do meu sangue hespanhol, da vehemencia das minha sensações...

Em breve eu amava perdidamente uma d'ellas — queria muito ás outras duas; mas amar, amar devéras, d'alma cuidava eu, de coração ia jurál-o, era a segunda — Laura, a mais gentil, mais nobre, mais elegante e radiosa figura de mulher que creio que Deus moldasse n'uma hora de verdadeiro amor de artista que se dignou tomar por esse pouco de greda que tinha nas mãos ao formál-a.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

De quando em quando, Lili abria desmesuradamente os olhos para a penumbra silenciosa do quarto, e volvia-os depois supplicantes para a mãe, balbuciando umas palavras que se não percebiam.

De repente, n'um esforço supremo, ergueu-se na almofada, com os olhos espantados, os labios tremulos, estendendo os braços, — porque viu apparecer, ao fundo, a figura sinistra do coveiro, caminhando para ella, a sorrir, curvado para a terra, com a enxada ao hombro. Deitou as mãos afflictas ao pescoço da mãe, querendo fugir do leito, e com a voz suffocada pelo terror e pelas lagrimas, disse ainda:

— *Bob!* o Tumba! Avança, *Bob!*

E deixou pender a cabecinha loura no collo da mãe, agitando as mãosinhas para afugentar a terrivel visão, e estremecendo toda n'um derradeiro alento.

— O Tum...ba!

*

* *

No dia seguinte, por uma linda e clara manhã d'estio, foi o caixão da Lili conduzido para o cemiterio da aldeia.

O *Bob* seguia atraz, de cabeça baixa, chorando sempre. Acompanhou o caixão até ao jazigo, assistindo ao acto do coveiro lhe passar em volta uma corda, e o descer á sepultura, collocando-o junto d'outros caixões. Depois, quando o padre e as pessoas que iam no acompanhamento sahiram do cemiterio, o *Bob* veio tambem, voltando-se a cada passo para traz, chorando e ganindo!

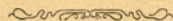
Decorrido um mez, a mãe da Lili dirigiu-se uma tarde para o cemiterio, para visitar o tumulo da filha. Ia acompanhada pelo *Bob*, que caminhava triste, como se ainda se recordasse do que succedera a ultima vez que ali passára.

Antes de chegarem á porta, appareceu, a distancia, o Tumba, sempre curvado para a terra, com a sua enxada ao hombro. A mãe da Lili, vendo aquelle homem sombrio, teve o presentimento de que era o coveiro, e estremeceu! E o *Bob*, apenas o avistou, correu como doudo, ladrando, de dentes refilados, n'um arremeço febril de furia. Ia a atirar-se ao velho, que corria atemorisado, quando a mãe de Lili o chamou imperiosamente:

— *Bob!* aqui! *Bob!*

O cão retrocedeu então, obediente, triste, humilde, com o pello ainda eriçado. A mãe de Lili segurou-lhe carinhosamente a cabeça, beijou-o com reconhecimento, affagou-o, e disse-lhe, banhada em lagrimas:

— Agora é tarde, *Bob!* Já elle levou a Lili!

ALBERTO BRAGA.

ANNIVERSARIOS DA SEMANA

Domingo

As sr.as:
Condessa da Lobata.
Condessa d'Alte.
D. Maria Carlota Quintella de Sá (Farrobo).
D. Maria Jeronyma Ribeiro de Faria (Barros Lima).
D. Marianna Fladgate (Rueda).
D. Maria da Nazareth de Almeida.
D. Georgina Carpentier.
D. Maria das Dôres Paes de Sande e Castro.
D. Isabel d'Araujo Gomes.
D. Leopoldina Augusta Martins Bettencourt.
D. Gertrudes Lopes dos Anjos.
D. Maria Antonia de Vasconcellos de Castro Freire.
D. Isabel Maria de Sá.
D. Branca Augusta Mendes d'Almeida.
Mary Elisabeth Tong Westwood.
E os srs.:
Diogo d'Ornellas (Calçada).
Dr. Abel Xavier Teixeira de Magalhães.
Pedro Berquó.
Fernando Mongini.

Segunda-feira

As sr.as:
Condessa de Bobone.
Baroneza de Combarjúa.
Baroneza de Itanhaem de Andrade.
D. Anna Guilhermina da Motta Garcia Portocarrero de Vasconcellos Sottomayor.
D. Maria Thereza de Noronha.
D. Constança Forbes.
D. Maria da Madre de Deus Fava.
D. Julia Amelia Pereira de Lima Cavoila.
D. Maria Henriqueta de Mello Osorio Sarmento e Vasconcellos.
D. Maria Leopoldina Alves de Sousa Guimarães (Bulhão).
D. Maria Francisca Pereira (Bertiandos).
D. Romanira Elvira Vianna.
E os srs.:
Barão de Viamonte.
Dr. Antonio Lucio Tavares Crespo.
João Paes de Vasconcellos Abranches.
João Ferreira da Silva Santos.

Terça-feira

As sr.as:
Viscondessa da Boa Vista.
D. Maria Genoveva Gonçalves Martins.
D. Maria da Luz Azevedo.
D. Maria José de Sousa Mattos.
D. Etelvina Couvreur Martins.
D. Francelina Amelia Picão.
E os srs.:
Conde de Carvalhido.
Dr. João Dally Alves de Sá.
Raphael de Pina Manique.
Fernando Pinto Godinho Brandão Perestrello (Balsemão).
Viriato de Sá.
John Mahony.
Christovão Pedro de Moraes Sarmento.
Joaquim Eduardo Pereira de Eça de Chaby.

Quarta-feira

As sr.as:
Marqueza de Bellas.
D. Maria Magdalena Moledo.
D. Maria Eduarda de Mello Queiroz.
D. Maria de Assumpção Pessoa de Amorim (Vargem).
D. Josephina da Silva Carvalho Osorio (Silva Carvalho).
D. Lucilla Bertha da Costa de Moraes.
D. Leonilda da Conceição Gonçalves.
D. Alda Ferreira Peixoto.
D. Archangela Leopoldina Brito de Castro.

E os srs.:
D. José Antonio de Siqueira Freire (S. Martinho).
Francisco José de Oliveira Valle.
Luiz Maria Nunes de Carvalho.

Quinta-feira

As sr.as:
Viscondessa de Bettencourt.
Viscondessa de Ferreira Lima.
D. Maria de La Salete Saldanha da Luz e Andrade (Capellinha).
D. Maria Adelaide de Magalhães.
D. Maria do Carmo Mimoso.
D. Maria da Gloria Pereira Araujo.
D. Virginia Atalaya Ferreira Pedrosa.
D. Laura Maria Maya de Castello Branco.
D. Constança Lobo d'Avila.
D. Sophia Augusta Xavier d'Almeida.
D. Marianna Felner Lapa Salema (Ourem).
D. Thereza Nunes Corrêa.
D. Maria Juliana Almeida Zaluar.
E os srs.:
Visconde de Torre (Alberto).
Henrique de Lima Canavarro Guimarães.
Dr. Guilherme José Ennes.
Justino Duarte Fava.
Antonio Augusto Pereira da Rocha Magalhães.
Francisco de Sousa Cadaval.
João Damaso de Moraes.
Eduardo Lupi.
Dr. Gregorio Rodrigues Fernandes.

Sexta-feira

As sr.as:
Viscondessa da Silva Carvalho.
Viscondessa de Valmor.
Viscondessa da Cruz Alta.
Baroneza de Wildick.
D. Maria Leopoldina Tovar.
D. Maria Calvet de Andrade Pinto.
D. Maria Luiza da Conceição Veiga.
D. Maria Luiza Agard Tedeschi.
D. Maria da Conceição Machado Castello Branco (Figueira).
D. Regina Paccini.
D. Constança Barreto.
D. Anna Rita Machado.
D. Marianna Victoria de Caceres Moraes.
D. Carolina Ayres.
D. Rita Escoto.
E os srs.:
Conde de Burnay.
Visconde da Cruz Alta.
Lourenço do Amaral Sarmento e Vasconcellos (Almeidinha).
Alexandre Augusto de Vasconcellos e Sá.
Francisco Pons Junior.
Severiano Maria Petra.
Henrique Brion.
José Augusto Pessoa de Amorim (Vargem da Ordem).
D. Jorge Cabedo de Vasconcellos.
João Eduardo Portugal Pereira da Silva.
Antonio Machado.

Sabbado

As sr.as:
D. Marianna Baptista Pires.
D. Jesuina Amalia Correia Lima da Fonseca.
D. Emilia Angelica Pacheco de Sequeira Lopes.
D. Carolina Emilia Rodrigues de Chaby.
E os srs.:
João da Costa Carvalho.
Luiz Walddington.
Manuel José Ferreira Lima.
Tito Augusto de Carvalho.
Theodoro da Motta.
José Carlos da Costa Martins.
José de Freitas Teixeira Spinola de Castello Branco.
Manuel Emygdio Garcia.
José Nunes da Silva Tierno.

CHRONICA ELEGANTE

Ao inaugurarmos hoje esta secção, destinada, como o seu titulo indica, á chronica da nossa sociedade elegante, somos forçados a fazel-o com a dolorosa impressão de quem está escutando ainda, em vez dos alegres accordes de uma valsa, o dobre compassado e funebre de finados!

Foi n'um cemiterio, e em torno de um jazigo illustre, que na segunda-feira se reuniram os homens mais notaveis da nossa sociedade, para acompanharem, n'uma derradeira homenagem de piedade e respeito, os restos mortaes de uma das senhoras mais nobres de Portugal.

A Condessa de Ficalho morreu quasi repentinamente. Á surpreza que causou a noticia inesperada da sua morte, succedeu-se o mais profundo sentimento de magua e de saudade.

Era n'esta epocha que se abriam os elegantes salões do palacio dos Caetanos. E este anno, em vez de ali se accenderem os lustres, em vez de se ouvirem os sons festivos das orchestras, o brazão da casa conserva-se amantado de crepes, e ouvem-se apenas, n'aquellas espaçosas salas desertas, os dolorosos gemidos da orphandade e da viuvez.

N'uma sociedade como a nossa, a perda da illustre titular deve considerar-se irreparavel.

Desde que falleceu sua mãe a sr.ª D. Maria Kruz, desde que se não repetiram os elegantes e sumptuosos bailes da sr.ª Duqueza de Palmella, desde que cessaram as recepções semanaes do palacio dos Marquezes da Fronteira, desde que se fecharam ha pouco e para sempre as magnificas galerias do Conde de Daupias, na nossa sociedade não havia outro salão em que se realisassem festas como as que dava a sr.ª Condessa de Ficalho, no seu palacio dos Caetanos.

Póde substituir-se o fausto e a riqueza das salas; mas o que se não consegue facilmente é reunir-se o conjuncto de qualidades, que se encontravam na Condessa de Ficalho.

A elegancia e gentilesa da sua figura, a cultura do seu espirito e a delicadeza das suas maneiras imprimiam um encanto especial ao seu convivio. Ninguem lhe fallava uma vez que não ficasse desde logo seduzido pela affabilidade e distincção do seu trato. Conquistava a sympathia de todos, e a todos captivava pela graça natural e pela amabilidade expontanea do seu acolhimento.

Quando n'uma sociedade se occupa um logar como o que pertencia á sr.ª Condessa de Ficalho, difficilmente se encontra quem a substitua.

Para a morte dos soberanos existe a conhecida formula: *Le roi est mort, vive le roi!* Não póde infelizmente, n'este momento, applicar-se a mesma formula á nossa sociedade elegante.

A Condessa de Ficalho morreu... Quem a substitue?

É por isso que esta secção, que deverá ser entretecida de rosas, apparece hoje entretecida de goivos!

GRAZIEL.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60

IMPORTANTE

Ninguem compre joalheria sem primeiro ver o grande e variado sortimento da ourivesaria.

VIUVA SOARES & FILHO — 57, Rua Aurea, 59

PREÇOS LIMITADISSIMOS

ARMAZENS GRANDELLA

Rua do Ouro

EXPOSIÇÃO DE Brindes, jogos, brinquedos, etc.

Em toda a galeria do 1.º andar d'este estabelecimento, do lado da grade, se acha este anno installada a nossa exposição de artigos proprios d'esta occasião, que consta de milhares de objectos, conforme se poderá verificar.

Bonecos, bonecas, jogos, caixas com soldados de chumbo, bonecos com musica, carros, carneiros, vaccas, bois, cavallos, passaros que cantam, jogos de louça de almoço, jantar e lavatorio. Mobilias para boneca, camas, chicotes. Espinguardas, espadas, etc., etc.

Brindes valiosos

1 cesta com meia duzia de garrafinhas de cognac velho, especial, por 1$500 e 2$000 réis.

1 cesto forte, da ilha, conduzindo vinho, com 4 garrafas grandes de Champagne, 4 da Madeira e 4 do Porto, preço 11$000 réis.

1 Corbeille da ilha, com 1 garrafa do Porto e 1 2 garrafa de Champagne 1$350 réis.

1 Corbeille da ilha com 1 garrafa do Porto e outra da Madeira 1$810 e 2$000 réis.

1 Corbeille com 1 garrafa do Porto, puro, e 1 garrafita de cognac velho 900 e 1$000 réis.

1 cesto com uma duzia de sabonetes francezes 1$500 réis.

1 caixa de sabonetes de Santa Iria 480 réis.

1 caixa de madeira chic, de sabonetes de Santa Iria, 900 réis.

1 sabonete de Santa Iria 160 réis.

1 sabonete de Santa Iria, tamanho do meio, 80 réis.

1 sabonete de Santa Iria, tamanho pequeno, 40 réis.

Objectos de arte, um *terre cuite*.

Perfumarias inglezas, francezas e nacionaes, etc., etc.

Os armazens Grandella são o estabelecimento que mais barato póde vender. Prova-o o seu collossal sortimento e o seu assombroso movimento, cada vez mais crescente.

Para comprar barato é preciso comprar muito, e só os armazens Grandella estão n'esses casos, porque tem freguezes para isso.

ARMAZENS GRANDELLA, Rua do Ouro

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio. A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antunes — Rua do Belver, 1